

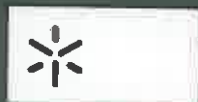
Os textos aqui reunidos contemplam a obra intelectual, científica e cultural de destacados judeus portugueses como Amato Lusitano, Garcia de Orta, Rodrigo de Castro, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Ribeiro Sanches, entre outros mais, e procuram reflectir sobre a forma como se projectou no mundo a ciência e o pensamento destes filósofos, médicos e humanistas, homens de cultura em geral, que se viram forçados a abandonar o país, já desde o longínquo século XV até tempos mais recentes.

Todos eles foram vultos maiores da nossa história em virtude das fortes marcas que deixaram inscritas na cultura europeia, nas terras que os acolheram. E são ainda hoje vidas que o tempo não apagou, pois alcançaram a melhor das imortalidades, aquela que é conferida pela inteligência, pelo saber e pela *humanitas*.

JUDEUS PORTUGUESES NO MUNDO

MEDICINA E CULTURA

Argemir Soares Pereira
Rui Manuel Cordeiro



Universidade do Minho

FCT
Fundação para a Ciência e Tecnologia

 eea
grants

ISBN 978-960-765-046-1



9 789697 550461

JUDEUS PORTUGUESES NO MUNDO

MEDICINA E CULTURA

Organização
Virgínia Soares Pereira
Manuel Curado

JUDEUS PORTUGUESES NO MUNDO
MEDICINA E CULTURA

Organização: *Virgínia Soares Pereira / Manuel Curado*

Capa: António Pedro

Edição: Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho

© Virgínia Soares Pereira | © Manuel Curado
© Edições Húmus, Lda., 2014
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão
1.ª edição: Julho de 2014
Depósito Legal n.º: 377307/14
ISBN: 978-989-755-046-1



Universidade do Minho
Centro de Estudos Lusíadas

húmus

Índice

7 Nótula de apresentação

Virginia Soares Pereira

11 Em jeito de prólogo

Manuel Curado

I. VULTOS DA MEDICINA

25 **Dionísio e Amato Lusitano: encontros e desencontros de dois médicos no exílio**

António Andrade

39 **Os requisitos do médico perfeito segundo Rodrigo de Castro**

Adelino Cardoso

53 **De Goa para o mundo: viagem de *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta**

Teresa Nobre Carvalho

75 **O despatriado Ribeiro Sanches na terra dos czares: débitos e créditos**

Fernando Machado

111 **Medicina e humanismo na obra de Amato Lusitano**

J. A. David de Morais

159 **Reflexões sobre a diáspora dos médicos judeus portugueses**

João-Maria Nabais

179 **Leão Hebreu, médico e filósofo português no renascimento italiano**

James Nelson Novoa

II. QUESTÕES DE CULTURA

- 193 **Diogo Pires, judeu e poeta por rotas da Europa quinhentista**
Carlos Ascenso André
- 211 **Joaquim de Carvalho: da memória judaica ao esquecimento da Shoah**
Paulo Archer de Carvalho
- 235 **Um cólofon enigmático do Século XIX português:
As Viriadas, o maior poema épico da Sefarade**
Manuel Curado
- 273 **A Distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos e a questão judaica em Portugal:
representações e posições**
Cristiana Lucas da Silva e José Eduardo Franco
- 285 **António Carvajal (Carvalhal) e António Robles – a saga de beirões judeus**
Maria Antonieta Garcia
- 305 **Aspectos da filosofia hebraico-portuguesa**
J. Pinharanda Gomes
- 315 **Marranismo, cultura e identidade**
Jorge Martins
- 325 **Exame, interrogação e erro em Francisco Sanches**
Rui Bertrand Romão
- 343 **Colaboradores**
- 353 **Índice onomástico**

NÓTULA DE APRESENTAÇÃO

O Centro de Estudos Lusíadas, Unidade Cultural da Universidade do Minho, tem por missão estudar e divulgar a cultura portuguesa no mundo lusíada. No sentido de continuar, como tem feito anualmente, a dar cumprimento a esta sua obrigação estatutária, realizou, no ano de 2012, um Colóquio e um Ciclo de Conferências dedicados ao tema *Judeus Portugueses no Mundo: Medicina e Cultura*.

Sem se alhear da problemática do judeu errante e perseguido, sem ignorar estes aspectos mais sombrios da história ocidental, o objectivo primordial do Colóquio e das Conferências – importa referi-lo – foi o de dar a conhecer figuras maiores da nossa história e, desse modo, contribuir para uma futura história da ciência e cultura portuguesas de origem judaica.

Vêm agora a lume os textos então proferidos. Eles contemplam a obra científica e cultural de notáveis judeus portugueses e reflectem sobre a forma como se projectou no mundo a ciência e o pensamento de tantos autores - e foram muitos, de facto -, filósofos, médicos e humanistas, homens de cultura em geral, que se viram forçados a abandonar o país, por motivos religiosos, já desde o longínquo século XV até tempos mais recentes.

Ao longo do volume tem o leitor ocasião de revisitar as principais questões que se levantam quando se faz a história da vida e do pensamento desses insignes portugueses. Assim, são objecto de estudo e revisitação figuras de reconhecida estatura intelectual, como Amato Lusitano, Garcia de Orta, Diogo Pires, Rodrigo de Castro, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Ribeiro Sanches, e tantos outros que, enfrentando o exílio, foram admirados, fora do país, pelo seu talento e aí contribuíram para o desenvolvimento da filosofia, da medicina, da ciência e da cultura. Muitos, sobretudo a partir do século

XVI, rumaram a Antuérpia, que era então ponto de encontro de comunidades judaicas, mas também verdadeiro centro comercial de especiarias. Todavia, fruto de circunstâncias adversas, tiveram de abandonar aquela cidade, em busca de liberdade religiosa e, continuando a sua vida de provações, passaram depois a cidades italianas como Veneza, Ferrara, Pésaro, Ancona, tendo-se dirigido mais tarde para Dubrovnik e ainda para a cidade de Salónica, e acabando aqui a sua diáspora. De todas as terras da Europa, Salónica, então sob o poderio otomano, foi a cidade que os acolheu, chegados aos milhares. No século XVI, a Europa tornara-se, para os Judeus, o inferno na terra, enquanto Salónica, que os recebeu “com todo amor e boa vontade”, foi para eles terra de refúgio e libertação, como testemunhou Samuel Usque. No entanto, percorrendo embora esta via de grandes tribulações, os judeus portugueses foram também excelentes homens do mundo da finança e de negócios, assentando esta outra face da sua vida no facto de estarem ligados familiarmente em rede, como sucedeu com a poderosa família Benveniste (os Mendes da documentação portuguesa). Assim se compreende que, a respeito da difícil vida destes homens, se tenha escrito, como fez Maria José Ferro Tavares (*Lusitania Sacra*, 27, 2013, p. 15), “entre religiões e negócios, a sobrevivência”.

O Centro de Estudos Lusíadas pretendeu, mediante esta incursão num tema de tão grande relevância na cultura portuguesa e europeia, propiciar possíveis novas pistas de investigação quanto ao papel científico e cultural desempenhado pelos judeus portugueses espalhados pelo mundo. Certos de que há ainda muito a fazer neste domínio, formulamos votos de que este volume contribua para trazer a público e à memória aspectos menos conhecidos da vida e obra dos referidos vultos.

Trata-se, na verdade, de vidas que o tempo não apagou, porquanto alcançaram a melhor das imortalidades, aquela que decorre do verdadeiro mérito e é conferida pela inteligência, pela curiosidade, pelo saber e pelo desejo de contribuir para o bem comum, isto é, numa palavra, pela *humanitas*.



Antes de concluir esta breve nota de apresentação, cumpre-me agradecer, em nome dos Organizadores deste volume, às entidades e instituições que não só tornaram possível o Ciclo de conferências e o Colóquio que estiveram na origem deste livro, como contribuíram para a presente edi-

ção, nomeadamente: à Comissão Directiva do Centro de Estudos Lusíadas, primeira responsável da iniciativa; ao Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, na pessoa do Doutor Manuel Curado, cuja colaboração foi imprescindível e preciosa; ao Centro de Estudos Humanísticos da U.M., pela imediata adesão ao projecto e pelo generoso apoio logístico e financeiro; à F.C.T., que subsidiou esta edição; e ao Instituto de Letras e Ciências Humanas, pela pronta disponibilização dos necessários recursos humanos e materiais. Por último, um agradecimento vai dirigido à Rede de Judiarias de Portugal, que desde a primeira hora manifestou o seu apoio mecenático à edição deste volume.

Virgínia Soares Pereira

(Presidente do Centro de Estudos Lusíadas)

DIONÍSIO E AMATO LUSITANO: ENCONTROS E DESENCONTOS DE DOIS MÉDICOS NO EXÍLIO

António Manuel Lopes Andrade
(Universidade de Aveiro)

Este estudo pretende oferecer uma análise circunstanciada dos encontros e desencontros entre o doutor Dionísio ou Dinis Rodrigues (*alias* Asher Brudo) e Amato Lusitano, mormente no que concerne às posições divergentes que ambos assumiram naquela que foi uma das mais célebres e participadas polémicas científicas nos séculos XVI e XVII, a chamada polémica da sangria.⁽¹⁾

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

Este estudo centra-se particularmente nas relações entre Dionísio e Amato Lusitano, porquanto dedicámos um outro artigo ao confronto entre Pierre Brissot e Dionísio, sob o título “O confronto entre Pierre Brissot e Dionísio: o epicentro da polémica da sangria,” in Luana Giurgevich, Teresa Nobre de Carvalho e Henrique Leitão, eds., *O Livro Científico lido de perto (Séc. XV-XVIII) / The Scientific Book closely read (15th-18th Cent.)* (Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2014, no prelo).

Para uma análise pormenorizada da sustentação teórica que subjaz à polémica da sangria, cf. Marie-Hélène Marganne, “Sur l’origine hippocratique des concepts de revulsion et de derivation,” *Antiquité Classique*, 49 (1980), pp. 115-30; Peter Brain, *Galen on Bloodletting: A Study of the Origins, Development, and Validity of his Opinions, with a Translation of the Three Works* (Cambridge, Cambridge University Press, 1986); Nancy Siraisi, *Medieval and Early Renaissance Medicine: An Introduction to Knowledge and Practice* (Chicago, University of Chicago Press, 1990), pp. 115-153 (cap. 5, “Disease and Traitement”); e Pedro Gil-Sotres, “Derivation and revulsion: the theory and practice of medieval phlebotomy,” in Luis García-Ballester, R. French, J. Arrizabalaga, A.

Os cristãos-novos portugueses, que abandonaram o país nas primeiras décadas de Quinhentos, percorreram um caminho difícil, através da Europa, desde Portugal até ao Império Otomano. Dionísio, Manuel Brudo Lusitano (pai e filho) e Amato Lusitano, representam as duas primeiras gerações em diáspora: os que nasceram antes e depois da Conversão Geral de 1497. Manuel Brudo e Amato Lusitano nasceram ambos em Portugal, sensivelmente na mesma época, e mantiveram ao longo da vida uma relação de amizade; Dionísio, pelo contrário, nunca se afirma como lusitano, seja nos livros, seja nos documentos, pois encontra-se entre os judeus de Castela e de Aragão que deram entrada e se estabeleceram em Portugal no reinado de D. João II, na sequência da expulsão dos reinos vizinhos em 1492. As relações de amizade entre as famílias Rodrigues-Brudo⁽²⁾ e Pires-Cohen⁽³⁾ (a que pertence Amato pela parte materna)⁽⁴⁾ datam seguramente das primeiras décadas de Quinhentos, em que ambas estavam estabelecidas na cidade de

Cunningham, *Practical Medicine from Salerno to the Black Death* (Cambridge, Cambridge University Press, 1994), pp. 110-145.

- ² O conhecimento da acção, do percurso e da constituição da família Rodrigues-Brudo, muito em particular na diáspora, deve-se em boa parte aos trabalhos de A. di Leone Leoni, *The Hebrew Portuguese Nations in Antwerp and London at the Time of Charles V and Henry VIII: New Documents and Interpretations* (Jersey City, Ktav, 2005), pp. 106-110; Idem, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghesi di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. Ed. Laura Graziani Secchieri (Firenze, Leo S. Olschki, 2011), pp. 304-311; e de Viviana Bonazzoli, "Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento," in Gaetano Gozzi, a cura di, *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII* (Milano, Edizioni Comunità, 1987), pp. 727-770; Idem, "Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547," *Zakhor - Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia*, 5 (2001-2002), pp. 9-38.
- ³ Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, veja-se o nosso trabalho: A. M. L. Andrade, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do Séc. XVI* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, no prelo), cuja primeira parte (pp. 25-157) traça um esboço biográfico da família Pires-Cohen, em que se insere Diogo Pires e Amato Lusitano.
- ⁴ A confirmação das relações familiares de Amato foi demonstrada em A. M. L. Andrade, "Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia," in Inês de Ornellas e Castro e Vanda Anastácio, coord., *Revisitar os Saberes - Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna* (Lisboa, Centro de Estudos Clássicos - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010), pp. 9-49.

Évora,⁽⁵⁾ e foram reforçadas mais tarde, em Ferrara, através do casamento de Manuel Henriques (primo de Amato) com Ester Brudo (filha de Dionísio).⁽⁶⁾

Após a entrada em Portugal, vindo muito provavelmente de Castela, Dionísio alcança rapidamente o alto reconhecimento das suas distinguidas qualidades enquanto médico, recebendo diversas mercês pelos serviços desempenhados como físico particular não só de D. João III e de D. Catarina, como de outras figuras destacadas da corte, onde sobressai o cardeal D. Afonso, filho de D. Manuel, falecido em 1540.⁽⁷⁾ O próprio André de Resende, figura muito próxima de D. Afonso,⁽⁸⁾ foi preceptor em Évora de "dos hijos de maestro Donys Physico mayor del Rey don juan," conforme afirma Bartolomeu de Albornoz numa carta enviada ao humanista eborense (c. 1571):

Mas que diremos de Amato Lusitano que se llama Rodrigo de Castelbranco y de los dos Brudos discipulos de V. Md. y hijos de maestro Donys (*sic*) Physico mayor del Rey don juan, que no contentos con auerse ydo a ser judios a Salonique escriven desde alla obras para que sepamos como son judios, esto mismo hizo mas Phelippe el Zurujano que hallo la cura de las carnosidades de la orina del qual escriue Laguna que se fue a morir a Jerusalem.⁽⁹⁾

- ⁵ A família Pires-Cohen estava há várias gerações estabelecida em Évora, conforme refere Diogo Pires (Didacus Pyrrhus Lusitanus ou Iacobus Flaulus Eborensis) numa composição poética em que evoca a figura do avô. A família Rodrigues-Brudo estabeleceu-se também em Évora nas primeiras décadas de Quinhentos, porquanto o doutor Dionísio acompanharia decerto a corte, que então estanciava durante largas temporadas na cidade alentejana. A corte estabeleceu-se em permanência na cidade de Évora ao longo de quase toda a década de trinta, entre 23 de Maio de 1531 e 7 de Agosto de 1537.
- ⁶ Cf. V. Bonazzoli, "Ebrei italiani, portoghesi, levantini..." op. cit., p. 768, nota 141.
- ⁷ A documentação portuguesa sobre o doutor Dionísio, pertencente quase na totalidade ao reinado de D. João III, foi trazida a público, em boa parte, graças ao labor de Sousa Viterbo, "Médicos da família real portuguesa, apontamentos para a história da medicina em Portugal," *Jornal das Ciências Médicas de Lisboa*, n.os 11 e 12 (Novembro e Dezembro, 1892), pp. 305-314; Idem, "Notícia sobre alguns médicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal: subsídios para a História da Medicina Portuguesa," *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, 3 (1912), pp. 21-23.
- ⁸ Para uma caracterização da casa do cardeal-infante D. Afonso e das suas relações privilegiadas com André de Resende, cf. Hugo Miguel Crespo, "André de Resende na Inquisição de Évora e a apologetica anti-judalca: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito. Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelho," in António Andrade, João Torrão, Jorge Costa, Júlio Costa, coord., *Humanismo, Diáspora e Ciência (Séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo, Exposição* (Porto, Câmara Municipal do Porto-Biblioteca Pública Municipal do Porto; Universidade de Aveiro-Centro de Línguas e Culturas, 2013), pp. 161-169.
- ⁹ Biblioteca Nacional de España, MS. 5556, fls. 54r-v. Para uma análise minuciosa desta extensa carta de Bartolomeu de Albornoz, cf. Virgínia Soares Pereira, "André de Resende e os Portugueses

Foi precisamente na cidade de Évora, entre o final do reinado de D. Manuel e o início do de D. João III, que ocorreram os acontecimentos que estiveram na origem da referida polémica da sangria, em resultado do confronto de posições irreduzíveis travado entre dois médicos de renome: Pierre Brissot e Dionísio, descrito por Bartolomeu de Albornoz como “maestro Donys Physico mayor del Rey don Juan.”

A polémica da sangria, que foi desencadeada pelo confronto entre estes dois homens em Portugal, teve uma repercussão enorme na Europa de Quinhentos, envolvendo os nomes maiores da medicina e fazendo correr rios de tinta em defesa ou contra cada uma das posições. Naturalmente, ainda que hoje pareça uma questão irrelevante, é necessário ter na devida conta que a sangria era, genericamente, uma das principais terapêuticas aplicadas na época, uma prática assente numa longa e reconhecida tradição com vários milénios de história, cujos fundamentos teóricos remontavam à medicina hipocrático-galénica.

Nas primeiras décadas do século XVI, a redescoberta e divulgação dos antigos textos da medicina grega, nomeadamente das obras de Galeno mais directamente relacionadas com a sangria,⁽¹⁰⁾ veio pôr em causa o modo estabelecido até então para proceder à sangria no tratamento da pleurisia, conforme havia consagrado a medicina medieval a partir de autores como Avicena. Os médicos humanistas procuraram, naturalmente, adoptar as novas práticas propugnadas nos textos gregos, que então eram objecto de edições e traduções, em detrimento daquelas que a tradição da medicina árabe há séculos vinha impondo no ensino e na prática clínica. Pierre Brissot é preci-

segundo Bartolomeu de Albornoz,⁹ *Humanitas*, 43-44 (1991-1992), pp. 91-107 (reproduz-se o excerto citado na p. 106, nota 25).

¹⁰ Ficou a dever-se em boa parte a Nicolò Leoniceo, o pai da célebre Escola Médica de Ferrara, em que Amato Lusitano se viria a integrar a partir de 1540, a edição e publicação da obra completa de Galeno nos prelos de Aldo Manuzio. O texto grego dos três tratados dedicados à flebotomia foi dado à estampa pela primeira vez em *Galeni librorum pars quarta* (Venetiis, in aedibus Aldi et Andreae Asulani soceri, 1525): 1. *De uenae sectione aduersus Erasistratum*; 2. *De uenae sectione aduersus Erasistrateos Romae degentes*; 3. *De curandi ratione per uenae sectionem*. Publicadas em data anterior, adquirem bastante relevância na polémica da sangria duas outras obras de Galeno nas traduções latinas de Thomas Linacre (*Methodus medendi*, Paris, 1519) e de Nicolò Leoniceo (*De arte curativa ad Glauconem*, Paris, 1514). Peter Brain, *Galen on Bloodletting...*, op. cit., faz uma análise minuciosa do posicionamento de Galeno face à flebotomia, apresentando a tradução das três primeiras obras acima referidas para inglês.

samente um destes médicos humanistas que buscam com entusiasmo, através do método filológico, alcançar a verdade contida nos textos gregos originais.

Os contendores nesta controvérsia, cujo epicentro teve lugar em Portugal, são Pierre Brissot e Dionísio: um defendendo que o método da sangria na pleurisia devia passar a ser feito de acordo com os preceitos galénicos aferidos à luz da leitura e interpretação dos textos originais; o outro, rejeitando por completo a novidade e propugnando a manutenção do método consagrado pelos Árabes. A diferença entre as duas partes em confronto reside sobretudo no modo e na sede de fazer a sangria no tratamento da pleurisia: segundo Brissot, o sangue devia ser extraído do lado do corpo mais próximo do foco inflamatório; segundo Dionísio, pelo menos no começo da doença, do lado mais afastado e oposto ao da inflamação.

Chegado a Portugal por volta de 1518, Pierre Brissot recebe uma extensa carta do doutor Dionísio, na qual este se opunha veementemente ao novo método prescrito pelo colega no tratamento da pleurisia, considerando que deveria continuar a ser adoptado o método tradicional. A reacção enérgica do médico francês, falecido por volta de 1522, materializou-se num livro⁽¹¹⁾ publicado postumamente por António Lúcio, um jovem discípulo de Brissot em Paris, curiosamente natural de Évora:

Petri Brissoti doctoris Parisiensis medici philosophique praestantissimi apologetica disceptatio, qua locetur per quae loca sanguis mitti debeat uisceri inflammationibus, praesertim in pleurite. Parisiis, ex officina Simonis Colinaei, 1525.

De Pedro Brissot, doutor pela Universidade de Paris, mui eminente médico e filósofo, refutação apologetica, com a qual se ensina quais os lugares por onde deve fazer-se sair o sangue nas inflamações das vísceras, sobretudo na pleurisia. Em Paris, na oficina de Simão Colinus, 1525.

A história dos acontecimentos que estiveram na génese desta polémica esteve sempre envolta em grande mistério, adensado por lacunas aparentemente inultrapassáveis e pela proliferação de historietas diversas que foram sendo repetidas acriticamente ao longo dos séculos, muitas delas nascidas a partir da *Vita* de Pierre Brissot, publicada em 1622 por René Moreau, um

¹¹ A *Apologetica disceptatio* teve mais duas edições no século XVI (Basileia, 1529; Veneza, 1539), sendo editada novamente por René Moreau, professor da Universidade de Paris, em 1622.

século após a morte do médico francês.⁽¹²⁾ Dos dois escritos publicados sobre o tema em apreço por cada um dos contendores, Pierre Brissot e Mestre Dionísio, apenas nos restava até há poucos anos o do médico francês, saído a lume em 1525, e a referência inequívoca de Amato Lusitano à existência de um outro da autoria do físico do rei de Portugal. O livro de Mestre Dionísio já não passava de uma simples e distante referência na História da Medicina, tantas vezes, até, olvidada por completo por alguns investigadores em detrimento da figura mais apelativa de Pierre Brissot, quando se deu o extraordinário reaparecimento do livro de Dionísio para sempre julgado perdido por Sousa Viterbo,⁽¹³⁾ Ricardo Jorge⁽¹⁴⁾ ou Harry Friedenwald,⁽¹⁵⁾ actualmente à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.⁽¹⁶⁾ Eis o título desta preciosidade bibliográfica:

Dialogus circa quasdam quaestiones in medicina, editus a Dionisio in Medicina doctore et inuictissimi atque maximi Ioannis huius nominis tertii, Lusitaniae regi et Algarbiorum etc., medico, Ordinisque Sancti Iacobi milite [Lisboa, Germão Galharde, c. 1530-1535, 24 fls.].

¹² A *Petri Brissotti Vita* de René Moreau é a principal fonte biográfica sobre o médico francês, ainda que deva ser lida com especial precaução devido às várias incorrecções de que enferma, algumas delas repetidas acriticamente até aos nossos dias. Moreau preparou a quarta edição da *Apologetica disceptatio* de Brissot (1622), publicando numa segunda parte, com frontispício próprio, uma relação de quantos trataram o tema da flebotomia na pleurisia e, em anexo, a *Vita* do médico francês (pp. 85-118); René Moreau, *De missione sanguinis in pleuritide, ubi demonstratur ex qua corporis parte detractus ille fuerit a duobus annorum millibus, ex omnium pene medicorum Graecorum, Latinorum, Arabum, Barbarorum exacta enumeratione, iuxta temporum quibus florere seriem instituta; adiuncta est Pet. Brissoti doctoris medici Parisiensis vita, auctore Renato Moreau, doctore medico Parisiensi* (Parisiis, apud Abrahamum Pacard, 1622).

¹³ Cf. Sousa Viterbo, "Médicos da família real portuguesa...", op. cit., pp. 305-306.

¹⁴ Cf. Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comento à sua Vida, Obra e Época* (Lisboa, Instituto de Alta Cultura, [D. L. 1962]), p. 157.

¹⁵ Cf. Harry Friedenwald, "Immortality through Medical Writ of Error. Dionysius: A Portuguese Jewish Court Physician with Notes on Brudus Lusitanus, His Son, and on Pierre Brissot," in H. Friedenwald, *The Jews and Medicine Essays*, vol. II (New York, Ktav, 1967), p. 467 [publicado originalmente em *Bulletin of the History of Medicine*, 7 (1939), pp. 249-256].

¹⁶ O livro de Dionísio conserva-se na Biblioteca Nacional de Portugal na Coleção dos Impressos Reservados sob a cota RES. 6038 P., estando disponível uma reprodução integral na Biblioteca Nacional Digital, através do endereço <http://purl.pt/15307>. Tivemos conhecimento da existência de um outro exemplar deste raríssimo livro, pertencente a uma colecção particular, de que foram feitas cópias, embora não tivéssemos logrado consultá-lo.

Diálogo acerca de certas questões de Medicina, publicado por Dionísio, doutor em Medicina e médico do invictíssimo e insuperável D. João III, rei de Portugal e dos Algarves etc., e cavaleiro da Ordem de Santiago.

O avanço do conhecimento havido sobre a diáspora dos judeus portugueses, nomeadamente sobre a família Pires-Cohen, a que Amato pertence, e sobre a família Rodrigues-Brudo, veio permitir contextualizar e compreender melhor o percurso, a acção e a obra dos médicos envolvidos na controvérsia. Amato Lusitano foi sempre uma das fontes mais fidedignas nesta polémica, porquanto a ela se refere em várias ocasiões nas suas obras, tanto nos *Comentários* a Dioscórides como nas *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tomou, aliás, partido declarado pela posição de Pierre Brissot, não obstante o respeito que lhe merecia a figura de Dionísio, com quem privou pelo menos em Antuérpia e Ferrara, e a amizade mantida com Manuel Brudo.

Analisemos em primeiro lugar as observações fornecidas por Amato Lusitano sobre o confronto entre Dionísio e Pierre Brissot. Assim, num dos primeiros casos das *Curationum Centuriae Medicinalium*, ocorrido não muito tempo depois de ter aportado a Antuérpia, em finais de 1534, o médico albi-castrense dá conta de ter assistido, juntamente com o doutor Dionísio e um outro médico português não identificado, uma paciente de cólica intestinal:

Vxor Gasparis Centurionis Genuensis Belga, aetate florente, temperatura sanguinea, obesa, carnosaque, in delitiis agens, optimo semper assueta victu, et vini multo potu, in colicos humores incidit, febricitabat, multum sitiēbat, parum egerebat, non dormiebat, dolor erat intensissimus, a iecoris regione incipiens, pro cuius recuperanda sanitate accersiti sunt duo celebres medicos: unus Dionysius, olim regis Lusitaniae medicus, qui non multum antea, Antuerpiam, celeberrimum totius Europae emporium, ubi haec contigeret, pervenerat: is est ille contra quem Brissotus Gallus, vir longiore vita dignus, doctissimam Apologiam de pleuritide evulgavit; alter magni iuxta nominis, Lusitanus, apud ipsos Antuerpienses diu agens.⁽¹⁷⁾

A esposa do capitão genovês Gaspar, belga, na pujança da vida, obesa, de temperamento sanguíneo, vivendo deliciosamente, sempre acostumada a boa mesa,

¹⁷ Cf. Amato Lusitano, *Curationum medicinalium centuria prima, multiplici uariaque rerum cognitione referta* (Florentiae, excudebat Laurentius Torrentinus, 1551) (Cent. I, Curat. 2, *Curatio secunda apud Belgas habita, in qua agitur de colici doloris curatione*). Reproduz-se a tradução das *Centúrias de Curas Mediciniais* de Amato Lusitano (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, p. 61), da autoria de Firmino Crespo, a quem se deve a tradução integral desta obra.

sem lhe faltar o vinho, começou a sofrer de dores cólicas. Tinha febre, muita sede e não dormia. A dor era fortíssima, partindo da região do fígado. Para recuperar a saúde, foram chamados dois médicos célebres: um, Dionísio, que fora médico do rei de Portugal e chegara havia pouco a Antuérpia, o mais célebre empório de toda a Europa, onde isto acontecia. Dionísio é aquele afamado médico contra quem o francês Brissot, homem digno de vida mais comprida, publicou a doutíssima *Apologia sobre a pleurite*; o outro, também de grande fama e português, trabalhava em Antuérpia há bastante tempo.

Amato referencia o livro de Pierre Brissot (1478-1522), a *doctissimam Apologiam de pleuritide*, que foi publicado postumamente, em 1525, em Paris.⁽¹⁸⁾ Acrescenta ainda que o antigo físico do rei de Portugal havia chegado há pouco a Antuérpia, o que nos permite estimar a chegada do doutor Dionísio ao empório do Escalda por volta de 1535, data a partir da qual deixa de haver registos documentais da sua presença em Portugal. Os Rodrigues-Brudo e os Pires-Cohen encontram-se entre as principais famílias que decidiram abandonar o país antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal, em 1536. Dionísio e Henrique Pires, chefes de ambas as famílias e membros destacados da organização da comunidade judaico-portuguesa, primeiro em Portugal e depois na diáspora, rumaram a Antuérpia em 1535.

A mais elucidativa referência de Amato aos dois contendores da polémica da sangria encontra-se nos comentários a Dioscórides, na *enarratio* dedicada às propriedades das lentilhas:

Animadvertant igitur, qui libros de victus ratione febricitantium, inscribunt, in quibus lentes laudant, quanto deprehensi sint errore, praecipue Brudus Lusitanus, qui etsi saepe a me de hac re monitus fuerit, nunquam tamen a pravo errore et inveterato se abstinere et retrahere voluit, forsán patris sui secutus opinionem, qui Arabum maximus erat assecla, nomine Dionysius, qui olim cum Brissoto Gallo, de pleuritide longos habuit sermones, de qua re extant utriusque Apologiae.⁽¹⁹⁾

¹⁸ Pierre Brissot, *Apologetica disceptatio, qua docetur, per quae loca sanguis mitti debeat in viscerum inflammationibus, praesertim in pleuritide* (Parissis, ex officina Simonis Colinaei, 1525). O tratado do médico francês teve uma segunda edição em 1529, em Colónia, uma terceira em 1539, em Veneza, sendo mais tarde novamente editado por René Moreau, em 1622.

¹⁹ Amato Lusitano, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Venetiis, apud Gualterum Scotum, 1553), p. 233 (Lib. II, en. 101, *De lentibus*). Apresenta-se a tradução de Telmo Corujo dos Reis (Universidade da Madeira), realizada no âmbito do projecto de I&D "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), cujo objectivo é a preparação da edição e tradução dos dois livros que Amato

Notem, portanto, os que alegam a autoridade dos livros *Do Regime dos Doentes Febris*, nos quais se concedem louvores às lentilhas, o quão redondamente se enganaram, sobretudo Brudo Lusitano que, embora tenha sido por mim muitas vezes advertido sobre este assunto, nunca contudo quis abster-se e livrar-se de um erro insensato e inveterado, tendo seguido talvez a opinião de seu pai, que era o mais acérrimo seguidor dos Árabes, de seu nome Dionísio, que outrora manteve com o francês Brissot longos debates a respeito da pleurisia, assunto sobre o qual se conservam ainda as *Apologias* de um e de outro.

Até à recente redescoberta do livro de Dionísio, este segundo texto de Amato constituía a mais segura prova da sua existência, porquanto o médico albicastrense refere inequivocamente que então se conservavam duas *Apologiae* sobre o polémico tema da sangria, uma da autoria de Pierre Brissot e outra de Dionísio. É de sublinhar, também, a forma crítica como o médico albicastrense qualifica Dionísio como o mais inveterado seguidor dos Árabes, manifestando desde logo ser partidário de Brissot. Amato manifesta aqui igualmente a sua discordância com o médico Manuel Brudo, filho de Dionísio, a quem não foi capaz de convencer, malgrado os seus esforços, da força dos seus argumentos sobre as propriedades das lentilhas.

Um terceiro texto, igualmente das *Enarrationes*, merece ser trazido à colação, pois assinala os motivos que terão levado, segundo Amato, o afamado professor da Universidade de Paris a deslocar-se a Portugal, nomeadamente à cidade de Évora, numa altura em que a corte aí estanciava durante longos períodos:

Hanc vero assertionem primo adstruxit Brissotus Gallus, vir magna eruditione praedictus, qui cum apud Lusitanos ageret, ut inde ad Indos, cupidus cognoscendi rerum novarum, navigaret, gummi hoc vidit, quod cancamum esse dixit.⁽²⁰⁾

Esta afirmação foi feita em primeiro lugar pelo francês Brissot, um varão dotado de grande erudição, que quando estava em Portugal, com o fito de navegar daí para as Índias, ávido de conhecer as novidades, viu esta goma, afirmando que era 'câncamo'.

Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Veneza, 1553). Está prevista também a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do humanista português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides sobre a matéria médica; a jusante, a do livro sugestivamente intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) da autoria de Pietro Andrea Mattioli.

²⁰ Amato Lusitano, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes*, p. 43 (Lib. I, en. 23, *De cancamo*).

Pierre Brissot foi um dos primeiros médicos estrangeiros atraídos pelas novíssimas matérias que chegavam a Portugal provenientes da África e do Oriente através da rota do Cabo. Durante o período em que permaneceu em Portugal, procedeu à análise das substâncias que lhe chegavam ao conhecimento, cabendo-lhe, segundo o testemunho de Amato, o mérito de haver feito a identificação do ‘câncamo’, substância catalogada no tratado matricial de Dioscórides. No entanto, Pierre Brissot não conseguiu concretizar os seus intentos de viajar para o Oriente, já que findou precocemente os seus dias em Évora, em 1522, aos 44 anos de idade, em resultado de uma diarreia, segundo afirma René Moreau na biografia.

Ainda assim, é de sublinhar que alguns anos antes de Garcia de Orta ter partido definitivamente para o Oriente, em 1534, havia já um médico francês em Portugal interessado em seguir o mesmo caminho, o que demonstra a atracção imensa que os simples e as drogas vindos de África e do Oriente estavam a despertar não só entre os mercadores mas também entre os homens da ciência. No caso dos médicos cristãos-novos portugueses, não era raro que médico e mercador fossem uma única pessoa, ainda que exercessem cada uma das funções em maior ou menor grau: Dionísio, Manuel Brudo ou o próprio Amato Lusitano constituem, a este respeito, um excelente exemplo. Como tivemos ocasião de explicar noutras ocasiões,⁽²¹⁾ verifica-se que a própria família Pires-Cohen, ao serviço de quem Amato se encontra, nomeadamente em Antuérpia (1534-1540), está envolvida no comércio internacional de especiarias, integrando o Consórcio da Pimenta.⁽²²⁾ Este é um factor importante que credibiliza bastante os comentários sobre a matéria médica feitos por autores portugueses como Amato Lusitano ou Garcia de Orta, seja pela proximidade e contacto com as próprias substâncias, tanto na origem (Oriente, África) como no destino (eixo Lisboa-Antuérpia), seja

²¹ Veja-se o que escrevemos a este propósito nos seguintes trabalhos: “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia,” op. cit., pp. 9-49; “Pires, Henrique,” in Adriano Prosperi, org., com Vincenzo Lavenia e John Tedeschi, *Dizionario storico dell’Inquisizione*, vol. III (Pisa, Edizioni della Normale, 2010), p. 1225; e *O Cato Minor de Diogo Pires...*, op. cit., pp. 51-91.

²² Os vários documentos relativos ao processo judicial movido em Antuérpia ao mercador cristão-novo António Fernandes constituem uma das melhores fontes de informação sobre a constituição e o funcionamento do Consórcio, que anualmente adquiria à Coroa portuguesa as especiarias e as drogas afro-asiáticas. Cf. R. Van Answaarden, *Les Portugais devant le Grand Conseil des Pays-Bas (1460-1580)* (Paris, Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1991), pp. 259-268.

pelo próprio envolvimento dos mesmos no trato das mercadorias que constituíam, em muitos casos, a própria matéria médica.

No entanto, Amato não se limitou a estas indicações esparsas sobre a polémica da sangria, recorrendo largamente numa das curas da primeira Centúria, publicada em 1551, sobre o tratamento ministrado a um paciente de pleurisia. No extenso comentário, Amato discute a questão e revela ser conhecedor da vasta literatura publicada desde o início da polémica da sangria entre Pierre Brissot e Dionísio.⁽²³⁾ Começa por apresentar directamente o problema e a solução adoptada por aqueles que, tal como ele, firmam a sua prática clínica nos textos hipocrático-galénicos:

Antiquissima quaestio est et hodie quoque a variis quaesita, num in pleuritide secunda vena sit in latere eodem, ubi dolor est, vel contrario potius: demum concludunt quod ex axillari vena, eiusdem lateris, ubi dolor est: sanguis extrahendus est, tum auctoritatibus Hippocratis et Galeni, tum etiam rationibus.⁽²⁴⁾

É muito velha a questão (e actualmente discutida por vários) se, na pleurite, deve ser aberta a veia do mesmo lado onde está a dor, ou antes do lado contrário. Afinal, concluem que o sangue deve tirar-se da veia axilar do mesmo lado, onde está a dor, não só autorizados em Hipócrates e Galeno, mas ainda em raciocínios.

Baseado na sua prática clínica, Amato Lusitano critica a posição de Andres Vesalius que propusera que devia ser sempre aberta a veia axilar do braço direito, quer o foco da inflamação fosse do lado esquerdo ou direito.⁽²⁵⁾ Além disso, serve-se do argumento da autoridade, não só dos autores gregos

²³ Uma relação exaustiva dos autores que trataram o tema desde Pierre Brissot até 1622 foi feita por R. Moreau, *De missione sanguinis in pleuritide...*, op. cit., pp. 21-84. Sobre os apoiantes das duas partes em confronto na polémica da sangria, veja-se também J. B. Saunders e C. D. O’Malley, *Andreas Vesalius Bruxellensis, the Bloodletting Letter of 1539: An Annotated Translation and Study of the Evolution of Vesalius’ Scientific Development* (New York, Henry Shuman, [1947]), pp. 15-21; Josef Bauer, *Geschichte der Aderlässe* (Munich, Werner Fritsch, 1966), pp. 124-145; e Sachiko Kusukawa, *Picturing the Book of Nature: Image, Text, and Argument in Sixteenth-Century Human Anatomy and Medical Botany* (Chicago, University of Chicago Press, 2012), pp. 183-184.

²⁴ Amato Lusitano, *Curatum medicinalium centuria prima...*, op. cit. (Cent. I, Curat. 52, *De pleuritide ac de ratione vera, propter quid in pleuritide secunda vena sit axillaris eiusdem brachii ubi dolor est*). Reproduz-se a tradução das *Centúrias de Curas Medicinas* de Amato Lusitano de Firmino Crespo (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, p. 170).

²⁵ Sobre o posicionamento de Vesalius na controvérsia, nomeadamente através da famosa carta sobre a sangria que publicou em 1539, cf. J. B. Saunders e C. D. O’Malley, op. cit.; S. Kusukawa, op. cit., pp. 184-197.

mas também dos contemporâneos, afirmando estar nesta questão ao lado de muitos homens doutos, entre os quais figuram Pierre Brissot, Matteo Corti ou Leonhart Fuchs. Por fim, recorre aos seus conhecimentos de anatomia, obtidos directamente a partir das dissecações de cadáveres realizadas em Ferrara, nomeadamente sobre o sistema vascular, para apresentar a verdadeira razão, na sua opinião, pela qual o sangue deve ser extraído do mesmo lado da afecção no tratamento da pleurisia, tal como prescrevia Brissot:

Secunda igitur (ut receptui canamus) axillaris vena eiusdem brachii ubi dolor est: quia sanguis dolorem et inflammationem facines, promptissime per illam dictam venam deponitur: praecipue si morbus octo inferiores costas occupaverit, et multo magis, si quatuor superiores, sed non de hac causa, sed potius quia axillaris magnam habeat communionem cum venis superiores quattuor costas alentibus. Ceterum hanc a nobis citatam venam ab utroque latere inter axillarem et cephalicam erumpentem, Vesalius primis suis tabulis subtrahit, ac ea forte de causa, quia nondum illius cognitionem habuerat, disceptationem illam de pleuritide evulgavit, postea vero in illo suo laboriosissimo ac admirando libro, eam depinxit, in quo quoquo modo ab opinione sua se retraxit.⁽²⁶⁾

Em conclusão, deve abrir-se a veia axilar do mesmo braço da dor, visto que o sangue que origina a dor e a inflamação é esvaziado muito facilmente por aquela referida veia, especialmente se a doença tiver interessado as oito costelas inferiores e, muito mais, se as quatro superiores. É que a veia axilar tem comunicação com as veias que irrigam as quatro costelas superiores. Ora Vesálio calou nas suas primeiras tábuas a veia,⁽²⁷⁾ por nós citada, que irrompe dum e outro lado entre a axilar e a cefálica talvez porque ainda não tivera conhecimento dela quando publicou a discussão sobre a pleurite,⁽²⁸⁾ mas descreveu-a depois naquele seu admirável e laboriosíssimo livro em que, de certo modo, se retracta de tal opinião.⁽²⁹⁾

²⁶ Amato Lusitano, *Curationum medicinalium centuria prima...*, op. cit. (Cent. I, Curat. 52, *De pleuritide ac de ratione vera, propter quid in pleuritide secunda vena sit axillaris eiusdem brachii ubi dolor est*). Reproduz-se a tradução das *Centúrias de Curas Mediciniais* de Amato Lusitano de Firmino Crespo (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, p. 173).

²⁷ Amato refere-se certamente às *Tabulae anatomicae sex* publicadas por Vesalius, em 1538, em Veneza. Veja-se a o comentário e a reprodução destas *tabulae* em S. Kusakawa, op. cit., pp. 184-190.

²⁸ Cf. Andres Vesalius, *Epistola, docens venam axillarem dextri cubiti in dolore laterali secundam melancholicum succum ex venae portae ramis ad sedem pertinentibus, purgari* (Basileae, in officina Roberti Winter, 1539).

²⁹ Alusão à obra-prima de Vesalius, *De humani corporis fabrica libri septem*, publicada em Basileia, em 1543.

Em razão desta memória é atribuída a Amato a primeira descrição da existência de válvulas venosas (veia ázigos), ainda que esta descoberta não tivesse implicado a compreensão do significado fisiológico das válvulas nas veias.⁽³⁰⁾

Em suma, as referências de Amato Lusitano a Pierre Brissot e a Dionísio evidenciam uma aproximação à tese defendida pelo médico parisiense na famosa polémica da sangria e, pelo contrário, um claro afastamento em relação às posições assumidas pelo médico do rei de Portugal. As relações familiares e comerciais entre os Pires-Cohen e os Rodrigues-Brudo ou o próprio trato pessoal que Amato teve com Dionísio, figura por quem, de todas as formas, manifesta grande respeito, não impediram o médico albi-castrense de abraçar, desde cedo, os novos rumos do humanismo médico europeu, que redescobria afanosamente os fundamentos da medicina grega, colocando em causa a credibilidade das leituras e interpretações dos textos gregos feitas pelos autores árabes.

Malgrado as diferenças que os separam do ponto de vista científico, Dionísio e Amato Lusitano contam-se entre aqueles que trilham, em conjunto, o penoso caminho do desterro de Portugal, sem nunca deixarem de exercer a arte de Galeno, de forma dedicada e abnegada, nos locais por onde passaram.

³⁰ Para uma análise pormenorizada da questão, cf. Joshua Otto Leibowitz, "Early accounts of the valves in the veins," *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 12 (1957), pp. 189-196; e A. J. Andrade de Gouveia, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo* (Lisboa, Instituto de Língua e Cultura Portuguesa – Ministério da Educação, 1985), pp. 15-18.